

EMBAIXADORES POR CRISTO

EXORTANDO O HOMEM A RESPEITO DE SUA ALMA,
NA PRESENÇA DE UM DEUS SOBERANO

2 CORÍNTIOS 5.14-20

David E. Prince

Quando minha secretária anunciou quem estava na linha telefônica, fiquei bastante emocionado. Era um amigo que estudara comigo no seminário; ele estava agora servindo como pastor em um outro Estado. Havia anos que não conversávamos um com o outro. Após alguns minutos, meu colega contou-me por que me telefonara.

Dois homens de sua igreja haviam assumido o compromisso de fazer parte de um ministério de evangelismo que teria amplo alcance. Quando esses homens chegaram para receber o treinamento, disseram ao pastor: “Desejamos estar envolvidos nesse trabalho, mas não pediremos que as pessoas creiam ou confiem em Jesus. Simplesmente apresentaremos os fatos do evangelho e deixaremos o resto com Deus. Não

é nossa função apelar às pessoas que respondam ao evangelho, visto que elas somente poderão fazê-lo se Deus quiser. Afinal de contas, Deus é soberano na salvação”.

Um compromisso com a absoluta soberania de Deus na salvação deveria nos levar a esse tipo de atitude? Deveria nos impedir de exortar os homens a respeito de suas almas?

Essa conversa telefônica aconteceu duas semanas depois de eu ter participado de um esforço de evangelismo de casa em casa na cidade de Redmond, no Estado de Oregon. A equipe em que eu estava bateu em mil e seiscentas portas, durante cinco dias, proclamando a verdade do evangelho do Senhor Jesus Cristo. Vimos alguns corações humilha-rem-se em arrependimento e fé,

respondendo ao evangelho, mas também nos deparamos com grande medida de rejeição hostil. Muitas portas foram fechadas com violência diante de nosso rosto, muitas profanidades foram proferidas vigorosamente contra nós, e muitas pessoas estavam presas nos grilhões de um evangelho fundamentado em obras (que, na realidade, não é a boa-nova de Cristo).

Enquanto participávamos desse esforço evangelístico, tornei-me novamente convencido de duas verdades. Primeira, a salvação é uma obra do Deus soberano. É claro que eu não poderia salvar aquelas pessoas. Se alguém seria salvo, isso ocorreria exclusivamente devido à soberana graça de Deus. Segunda, Deus está realizando a sua obra: Ele está preparando os corações, outorgando-lhes o dom da fé, chamando seu povo de toda tribo, língua e nação.

A conclusão, porém, à qual eu cheguei foi muito diferente da conclusão daqueles dois homens. Fiquei convencido de que, se estes conceitos são verdadeiros, temos de nos unir a Deus em sua obra, a fim de chamar seu povo dentre as nações. Temos de exortar os homens a respeito de suas almas. Esse trabalho de evangelização não é opcional ao cristianismo; é fundamental.

Ora, afirmar que fiquei con-

vencido desses fatos é uma coisa, mas a pergunta que realmente deveria ser respondida era esta: “Essas idéias são bíblicas?”

SALVAÇÃO: UMA OBRA DO DEUS SOBERANO

Em 2 Coríntios 5.18a, o apóstolo Paulo declarou: “Tudo provém de Deus”. *Ao que* ele estava se referindo? Paulo estava falando sobre as verdades que dissera nos versículos 14 a 17, a respeito da nova vida em Cristo —

“E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”. Todos os aspectos da conversão e do tornar-se uma nova

criatura são realizados por um Deus soberano. É uma obra totalmente divina; somente Deus pode dar vida ao indivíduo espiritualmente morto. Somente Ele pode transformar alguém em uma nova criatura.

Em Efésios encontramos a explicação clara da soberana obra de Deus:

“Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados; nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos

—■—
*Evangelização não
 é opcional
 ao cristianismo;
 é fundamental.*
 —■—

outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, — pela graça sois salvos” (Ef 2.1-5).

Depois de uma semana de rejeição intensa, enquanto compartilhávamos o evangelho bíblico em Redmond, minha equipe reuniu-se, e adoramos, e louvamos a Deus por nos ter mostrado a dureza do coração humano. Não podemos remover o coração de pedra de uma pessoa e substituí-lo por um coração de carne. É bom recordarmos que somos totalmente dependentes de Deus no que se refere à obra de salvação. Cem por cento dessa obra é uma realização divina.

Essa foi a verdade que motivou William Carey, quando ele trabalhou em seu difícil campo missionário na Índia.

“Quando eu deixei a Inglaterra, minha esperança a respeito da conversão da Índia era muito forte; porém, em meio a tantos obstáculos, ela desapareceria, *se não fosse sustentada por Deus*. Bem, eu tenho a Deus, e sua Palavra é verdadeira. Embora as superstições dos pagãos da Índia fossem mil vezes mais fortes do que eles mesmos, e o exemplo

dos europeus que ali residem fosse mil vezes pior; embora eu tivesse sido abandonado e perseguido por todos, a minha fé, fundamentada na Palavra segura, podia elevar-se acima de todos os obstáculos e vencer todas as provações. *A causa de Deus triunfará.*”

A causa de Deus triunfará! Ele salvará o seu povo dos seus pecados. Não importa a situação, as circunstâncias ou a oposição, Deus chamará o seu povo de cada tribo, língua e nação, para serem novas criaturas em Cristo Jesus. “Tudo provém de Deus” (2 Co 5.18). A salvação é uma obra do Deus soberano.

DEUS ESTÁ REALIZANDO A SUA OBRA

O apóstolo Paulo prosseguiu, afirmando: “Que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo” (2 Co 5.18b). A palavra traduzida por “reconciliou” significa “trocar” ou “tomar inimigos e transformá-los em amigos”. Isso significa a remoção, em Jesus Cristo, da inimizade de Deus para com pecadores culpados. Em Efésios 2.3, observamos que o incrédulo é por natureza “filho da ira”. No entanto, em Efésios 2.10, essa mesma pessoa, depois de salva pela graça de Deus, em Cristo Jesus, torna-se “feitura” de Deus, ou seja, “obra de arte de Deus” (a principal obra de Deus). A mesma pessoa que era um objeto da ira de Deus se torna uma eterna demonstração

da misericórdia de Deus e um filho adotivo dEle.

Se você é um crente, sua vida testifica que um Deus soberano está realizando sua obra de salvar pecadores culpados, por intermédio de seu Filho. Para você essa não é uma proposição genérica; é uma realidade pessoal. Você era um pecador rebelde, um inimigo de Deus, que se encontrava sob a ira dEle; mas você foi reconciliado com Ele, por intermédio de Jesus Cristo.

Em dias recentes, tive o privilégio de compartilhar as boas novas do evangelho de Jesus Cristo com uma moça que nada conhecia sobre o cristianismo. A Bíblia era completamente desconhecida para aquela moça, que nada sabia a respeito da realidade de Deus. Gastamos várias horas compartilhando as Escrituras, e ela me fez muitas perguntas boas. Chegamos ao ponto em que ela olhou para mim e disse: “Eu vou para o inferno, mas desejo saber como ser salva”. Depois de conversarmos um pouco mais, ela professou a sua fé em Jesus Cristo e suplicou que Deus tivesse misericórdia de sua alma. Dei-lhe uma Bíblia, e a primeira coisa que aquela moça me disse foi: “Compartilharei essas coisas com meu marido hoje à noite”. No ano passado, uma senhora classificou como seita a nossa igreja e recu-

sou-se a permitir que seu filho visse aos cultos. Começamos a orar por sua salvação; um ano depois desse acontecimento, ela foi batizada, proclamando a sua fé em Jesus Cristo. De maneira inacreditável, Deus está em atividade no mundo. Um dos maiores avanços na história da Igreja está ocorrendo hoje na China, embora sob

perseguição intensa. A salvação é uma obra do Deus soberano; e Ele está realizando essa obra.

— ■ —
*Somente Deus
 pode dar vida ao
 indivíduo espiritualmente morto.*
 — ■ —

SOMOS ORDENADOS A NOS UNIRMOS A ELE DEMONSTRANDO PAIXÃO PELAS ALMAS

O final do versículo nos mostra que o Deus soberano, quando nos salvou, nos entregou algo para que o façamos — “E nos deu o ministério da reconciliação” (2 Co 5.18c). Se você é um crente, isso significa que você tem esse ministério! É o ministério de proclamar a um mundo que necessita desesperadamente ser reconciliado com Deus; é o ministério de proclamar que Deus nos proporcionou um caminho de reconciliação na pessoa de seu Filho; é o ministério de ser arauto do evangelho de Jesus Cristo. Somos um povo que tem o “ministério de reconciliação”.

No versículo 19, Paulo esclarece qual é a mensagem que os ministros da reconciliação pro-

clamam: “Que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo”. Deus tem propósitos globais para a reconciliação, propósitos que se estendem a cada tribo, língua e nação. O apóstolo prosseguiu afirmando o que Deus está fazendo entre os povos do mundo — “Não imputando [ou seja, ‘levando em conta, atribuindo, creditando’] aos homens [ou seja, contra os homens] as suas transgressões”. Que gloriosa realidade e poderosa mensagem de misericórdia temos a pregar para um mundo perdido, rebelde e pecaminoso! “Bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado” (Rm 4.8; ver também Sl 32.2). Ainda, no final do versículo 19, Paulo reafirma o ministério que todo crente possui, quando ele escreveu: “E nos confiou a palavra da reconciliação” (2 Co 5.19). Nesse versículo, Paulo utilizou um vocábulo grego que transmite a idéia de uma “palavra” segura e verdadeira. Em outros termos, Deus nos confiou [a nós crentes] a mensagem segura da reconciliação.

Por que Ele nos confiou essa palavra da reconciliação? “De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo” (2 Co 5.20). Literalmente, esse versículo poderia ser lido: “Em favor de Cristo, somos embaixadores”. Um embaixador é um representante ou alguém que representa um soberano. Por exemplo, um embaixador brasileiro representa o Brasil em um país estrangeiro. Um embaixador fala e age em

favor de seu país. Somos embaixadores para nosso soberano Rei, Jesus Cristo. Temos de falar e agir em favor dEle.

O versículo 20 também esclarece o que fazemos como embaixadores: “Como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos [imploramos] que vos reconcilieis com Deus”. A expressão “vos reconcilieis” é uma ordem de urgência ou uma ordem de apelo. A ordem destacada aqui é vitalmente importante e exige resposta determinada ante a apresentação da mensagem! Então, o versículo 21 declara a grande notícia, a razão por que o pecador tem de ser reconciliado com o Deus santo — “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus”. O motivo é a grande transação — na cruz, Deus tratou Jesus como se Ele mesmo houvesse cometido todos os pecados em lugar de toda pessoa que creria nEle; e Deus considerou os crentes como pessoas que viveram a vida perfeita do Senhor Jesus.

Qual foi a última ocasião em que você exortou alguém a respeito de sua alma? Qual foi a última vez em que você rogou a alguém que se reconciliasse com Deus? Qual foi a última vez em que você insistiu, com intenso desejo, com alguém para que confiasse em Cristo e fosse salvo? Algumas igrejas e alguns crentes que enfatizam a soberania de Deus recuariam diante dessa idéia. Eles

diriam: “Nós cremos que Deus é soberano; portanto, não rogamos, não imploramos”. O problema desses irmãos é Deus e sua perfeita Palavra. Se o apóstolo Paulo exortava os homens, você e eu deveríamos seguir esse mesmo procedimento. Afinal, Paulo insistiu conosco para que façamos isso, “como se Deus exortasse por nosso intermédio” (v.20).

Eu gostaria de sugerir a esses irmãos que seria arrogância para eles imaginarem que são mais comprometidos com a absoluta soberania de Deus na salvação do que o apóstolo Paulo (ver Rm 8-9 e Ef 1). Paulo rogava pela salvação das almas dos homens e nos convoca a fazer o mesmo como embaixadores de Cristo. Deus nos ordena a nos unirmos a Ele, com paixão pelas almas, na obra de reunir seu povo de cada tribo, cada língua e cada nação. Deus não somente estabelece o propósito da salvação (Ele salvará seu povo), mas também ordena os meios de salvação (a ardorosa proclamação do evangelho por meio de seus embaixadores).

Essa obra exige certo comprometimento, porque ela lida com realidades eternas — vida eterna e morte eterna. Não podemos testemunhar do evangelho de forma fria e distante, testemunhos que simplesmente apresentam os fatos do evangelho e permanecem sem afeição. Somos embaixadores que representam a Cristo e devemos dar nossas próprias vidas em favor da obra de implorar, rogar, suplicar

e exortar os perdidos a se reconciliarem com Deus. Nas palavras de Charles Haddon Spurgeon: “Se os pecadores serão condenados, que eles o sejam pelo menos passando por cima de nossos corpos. Se os pecadores não de perecer, que eles o façam pelo menos tendo os nossos braços a agarrar-lhes os joelhos, implorando que fiquem. Se o inferno tem de ser cheio, que o seja pelo menos contra o vigor de nossos esforços, e não permitamos que ninguém vá para o inferno sem que o tenhamos advertido e por ele tenhamos orado”.

Exceto os escritores inspirados da Bíblia, talvez nenhuma outra pessoa ecoou o aviso a respeito da necessidade de termos paixão pelas almas com mais clareza do que o grande pregador Horatius Bonar. Ele, que era um homem absolutamente comprometido com as doutrinas da soberana graça de Deus, escreveu essas palavras:

“A pergunta que cada um de nós tem de responder à sua própria consciência é esta: o objetivo de meu ministério e o desejo de meu coração têm sido ver os perdidos salvos? Estou vivendo, andando e falando continuamente sob a influência desse sentimento? Estou trabalhando, orando, jejuando e chorando por isso? Eu me gasto e me deixo gastar por esse objetivo, considerando minha principal alegria, juntamente com a salvação de minha alma, o ser um ins-

trumento para a salvação de outros? É por causa disso que eu existo? Morreria alegremente para alcançar esse objetivo? Nada aquém de êxito positivo na obra de salvação pode satisfazer um verdadeiro ministro de Cristo. Seus planos talvez se encaminhem sem obstáculos e seu trabalho externo talvez se realize com firmeza; todavia, ele considera isso como nada, se não houver frutos reais na salvação das almas. Quando descansamos satisfeitos com a utilização dos meios para a salvação de almas, não as vendo realmente salvas; ou quando nós mesmos somos comovidos pelo fato de que almas não estão sendo salvas e, ao mesmo tempo, falamos tranqüilamente sobre deixar isso com Deus, estamos utilizando a verdade para encobrir e desculpar uma falsidade. Nossa capacidade de deixar o assunto nas mãos de Deus não é, como imaginamos, submissão profunda a Ele, e sim uma indiferença profunda para com a salvação das almas com as quais trabalhamos. Não, essa atitude não é realmente submissão a Deus; se estamos realmente comprometidos com esse objetivo, ou nosso coração alcançará tal objetivo, ou se despedaçará por não consegui-lo. Aquele que salvou almas nos ensinou a chorar pelos não-salvos. Senhor, que exista em nós a mesma mentalidade que houve

em Ti! Dá-nos lágrimas para chorar; pois nossos corações, Senhor, estão endurecidos para com nosso próximo. Podemos ver milhões de pessoas perecendo ao nosso redor, e nosso sono nunca se perturba. Nenhuma visão da terrível condenação delas jamais nos apavora; nenhum clamor de suas almas perdidas jamais transforma nossa paz em inquietude... pois a condenação de uma só alma está além de qualquer concepção. Os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, nem jamais penetrou no coração humano o que uma alma no inferno sofrerá para sempre. Ó Senhor, concede-nos profundos sentimentos de misericórdia! Que mistério! A alma e a eternidade de um homem dependem da voz de outro homem!”

Disponham-se, embaixadores de Cristo! Nunca esqueçam que a salvação é uma obra completamente do Deus soberano. Encorajem-se no fato de que Deus está realizando a sua obra e reunindo seu povo, de cada tribo, língua e nação. Lembre-se: nós temos a verdadeira Palavra de Deus que não voltará vazia e fará toda a vontade aprazível de Deus (Is 55.11). Que essas realidades nos impulsionem, quando compreendemos que somos convocados a nos unirmos a Ele com toda a compaixão, e gastemos nossas vidas exortando os homens a respeito de suas almas, na presença de um Deus soberano!

BOAS-NOVAS

Peter Jeffery

O evangelho é boas-novas em contraste com a situação em que estamos por causa de nosso pecado. O pecado consiste em transgredir a lei de Deus; e somos culpados disso. “Todos pecaram” é a declaração horrível de Romanos 3 — “não há justo, nem um sequer”.

O pecado não é algo que aflige as pessoas em contrário à vontade delas. Pelo contrário, Jesus disse: “Os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más” (Jo 3.19). O pecado é deliberado e nos coloca sob a ira e o julgamento do Deus santo. Não se engane a respeito disso; Deus não tolera o pecado.

Evidentemente, estas são más novas, e não boas novas. No entanto, embora a realidade de nosso pecado não constitua o âmago do evangelho, é necessário entendermos e crermos que somos pecadores; pois, do contrário, não podemos nos beneficiar das boas-novas de Deus.

O EVANGELHO

As boas-novas são a mensagem de que “Deus amou ao mundo de tal

maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). O amor de Deus não era uma compaixão vazia, e sim um amor que fez algo a respeito da condição terrível do homem.

Deus enviou seu Filho ao mundo para morrer no lugar do pecador, assumindo a sua culpa e a sua punição. O evangelho é a mensagem que explica o que acontece quando Deus, em sua misericórdia, salva aqueles que se rebelam contra Ele.

A Bíblia o chama de “o evangelho de Deus” (Rm 1.1). O evangelho não descreve o que conseguiremos, se apenas nos esforçarmos arduamente; o evangelho descreve o que Deus fez sozinho por nós. Ele se originou no coração de Deus, relatando o que a graça e o amor divino realizaram em favor de pecadores culpados.

A Epístola aos Romanos prossegue dizendo que o evangelho é a mensagem a respeito do Filho de Deus, “Jesus Cristo, nosso Senhor”. O Evangelho nos conta que Jesus é singular — o único Salvador e o único caminho para Deus.

A VONTADE DE DEUS E A VONTADE DO HOMEM

Horatius Bonar

“Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? — diz o SENHOR; eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel”.

Jeremias 18.6

No presente, existe grande controvérsia a respeito da vontade de Deus. Sobre este assunto surgem muitas perguntas. A principal delas refere-se à conexão entre a vontade de Deus e a vontade do homem. Qual a relação entre elas? Qual a ordem que uma ocupa em relação a outra? Qual delas está em primeiro lugar? Não existe qualquer debate sobre a existência dessas duas vontades. Deus possui uma vontade, e, igualmente, o homem. Elas se encontram em constante exercício — Deus quer, e o homem quer. Nada ocorre no universo sem a vontade de Deus. Todos admitem isso; mas surge a pergunta: a vontade de Deus é o primeiro fator em todas as coisas?

Eu respondo “sim”. Não pode haver qualquer coisa boa que Deus não desejou que existisse; não pode

haver qualquer coisa má que Deus não desejou permitir. A vontade de Deus vem antes de todas as outras vontades. Aquela não depende destas, mas estas dependem daquela. O exercício da vontade de Deus regula as outras vontades. O “Eu quero” de Jeová é aquilo que põe em atividade todas as coisas no céu e na terra; é a fonte e a origem de tudo que, grande ou pequeno, ocorre no universo, entre as coisas animadas ou inanimadas. Este “Eu quero” trouxe os anjos à existência e os sustem até agora. Este “Eu quero” originou a salvação para um mundo perdido, providenciou um Redentor e realizou a redenção. Este “Eu quero” começa, desenvolve e conclui a salvação de cada alma redimida; abre os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos; desperta aquele que dorme e ressuscita os mortos.

Não estou dizendo que Deus simplesmente declarou a sua vontade a respeito dessas coisas; estou afirmando que cada conversão e cada atitude que a constitui originou-se neste supremo “Eu quero”. Quando Jesus curou o leproso, Ele disse: “Quero, fica limpo”; assim também, quando uma alma é convertida, ocorre a mesma, distinta e especial manifestação da vontade divina: “Quero, seja convertido”. Tudo que pode ser chamado bom no homem, ou no universo, tem sua origem no “Eu quero” de Jeová.

Não estou negando o fato de que na conversão o homem também exerce a sua vontade. Em tudo que o homem sente, pensa e faz, ele necessariamente exercita seu querer. Tudo isso é verdade. O contrário é absurdo e irreal. No entanto, enquanto o admitimos, surge outra pergunta de grande interesse e implicação. Os movimentos da vontade humana em direção ao bem são efeitos da operação da vontade divina? O homem deseja a salvação porque ele mesmo se tornou propenso a isto ou porque Deus o dispôs? O homem se torna completamente desejoso pela salvação por uma atitude de sua própria vontade, ou por causa do acaso, ou por persuasão moral, ou por que agiu motivado por causas e influências exteriores à sua pessoa?

Respondo sem hesitação: o homem se torna desejoso porque uma vontade distinta e superior — ou seja, a vontade de Deus — entrou em contato com a vontade dele, alterando sua natureza e sua propensão. Esta nova propensão resulta de uma mudança produzida sobre a vontade do homem por Aquele que, entre todos

os seres, tem o direito irrestrito de afirmar, em referência a todos os acontecimentos e mudanças: “Eu quero”. A vontade do homem seguiu os movimentos da vontade divina. Deus o tornou desejoso. A vontade de Deus é a primeira a agir, não a segunda. Mesmo uma vontade santificada e aperfeiçoada depende da vontade de Deus, para receber orientação; e, depois de regenerada, a vontade do homem ainda é uma seguidora, e não um guia. E, no que se refere à vontade de uma pessoa não-regenerada, muito mais necessário é que sua propensão tenha de ser primeiramente mudada. Como isto pode acontecer, se Deus não interpuser sua mão e seu poder?

Isto não significa tornar Deus o autor do pecado? Não. O fato de que a vontade de Deus originou tudo que é bom no homem não implica em que essa mesma vontade dá origem ao que é mau. A existência de um mundo santo e feliz prova que Deus o criou com suas próprias mãos. A existência de um mundo impuro e infeliz comprova que Deus permitiu que esse mundo caísse nesse estado; porém não comprova mais nada. As Escrituras nos dizem que Jesus foi “entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus” (At 2.23). A vontade de Deus estava ali. Ele permitiu que as obras das trevas se realizassem; porém, mais do que isso, a morte de Jesus foi o resultado do “determinado desígnio” de Deus. Isto demonstra que Deus foi o autor do pecado de Judas ou de Herodes? Se não fosse a eterna vontade de Deus, Jesus não teria sido entregue; mas isto prova que Deus compeliu

Judas a trair, Herodes a desprezar e Pilatos a condenar o Senhor da Glória? Ainda, outra passagem bíblica afirma: “Porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungieste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram” (At 4.27-28). É possível perverter esta passagem, a ponto de provar que ela não possui qualquer referência à predestinação? Ela significa que Deus foi o autor dos atos aos quais ela se refere? Deus é o autor do

— ■ —
O homem deseja a salvação porque ele mesmo se tornou propenso a isto ou porque Deus o dispôs?
 — ■ —

pecado, porque este relato afirma que judeus e gentios se ajuntaram “para fazerem tudo o que” a mão e o propósito divinos predeterminaram? Permitamos que os nossos oponentes expliquem esta passagem bíblica e digam-nos como ela pode se harmonizar com a teoria deles.

Talvez alguém argumente que Deus age através dos meios na transformação da vontade do homem. Pode ser dito: “Não há necessidade de que ocorra uma especial e direta intervenção da vontade e do poder de Deus. Ele estabeleceu os meios, deus sua Palavra, proclamou seu evangelho; através desses meios, Ele realiza a mudança. A vontade de Deus não entra em direto contato com a nossa vontade. Ele permite que esses instrumentos realizem a mudança”. Bem, vejamos quanta verdade existe nessa afirmação. Creio que ninguém

dirá que o evangelho é capaz de produzir a alteração na vontade do homem, enquanto este rejeita o evangelho. Nenhum remédio, ainda que seja o melhor, pode ser eficaz, se não for tomado. A vontade do homem rejeita o evangelho; opõe-se à verdade de Deus. Então, como a vontade torna-se capaz de recebê-la? Admitindo que, ao recebê-la, ocorre uma mudança, ainda surge uma pergun-

ta: de que maneira a vontade do homem foi transformada, a ponto de se tornar disposta a receber a verdade de Deus? A pior característica de uma enfermida-

de é a determinação de não querer tomar o remédio. E como ela pode ser sobrepujada? Ora, alguém dirá, esta resistência será vencida com argumentos. Argumentos! O evangelho em si mesmo não é o grande argumento? No entanto, ele é rejeitado. Que argumentos você espera prevaleçam com um homem que rejeita o evangelho? Admitimos que existem outros argumentos, mas o homem se coloca em oposição a todos eles. Não existe qualquer argumento utilizado que o homem não odeie. Sua vontade resiste e rejeita qualquer argumento e motivo persuasivos. Como pode ser vencida esta resistência e expulsa esta oposição? De que maneira a propensão da vontade humana pode ser alterada, para aceitar aquilo que rejeitava? É evidente que isto ocorre somente quando a vontade humana entra em contato com uma

vontade superior — uma vontade capaz de remover a resistência, uma vontade semelhante àquela que disse: “Haja luz; e houve luz”. A própria vontade tem de sofrer uma mudança, antes que possa escolher aquilo que rejeitava. E o que pode mudá-la, senão o dedo de Deus?

Se o homem rejeitasse o evangelho apenas porque não o entende corretamente, eu poderia deduzir que, se o evangelho lhe fosse plenamente esclarecido, cessaria a resistência. Mas não acredito que esta seja a situação do homem, pois isto nos levaria a concluir que o homem rejeita não a verdade, e sim apenas aquilo que não entende; se o que ele não entende for esclarecido, ele aceitará a verdade! O homem não-regenerado, ao invés de ser inimigo da verdade, seria exatamente o oposto! Haveria tão pouca depravação no coração do homem, tão pouca perversidade em sua vontade e um tão instintivo amor à verdade e repúdio ao erro, que, se a verdade lhe fosse esclarecida, ele imediatamente a aceitaria! Todas as suas hesitações anteriores resultavam de erros que estavam mesclados à verdade apresentada! Poderíamos imaginar que a causa de tal hesitação era qualquer coisa, exceto a depravação. Talvez era a ignorância, mas não poderíamos chamá-la de inimizade à verdade, e sim inimizade ao erro. Pareceria que a principal característica do coração e da vontade do pecador não é a inimizade à verdade, e sim o ódio ao erro e o amor à verdade!

O coração do homem é inimigo de Deus — o Deus revelado no evangelho, o Deus da graça. Que verdade

pode haver na afirmação de que toda a falta de confiança do pecador para com Deus e de que todas as suas trevas espirituais resultam do fato de que o homem não pode ver Deus como o Deus da graça? Asseguro que, com freqüência, esta é a situação do homem. Sei que, constantemente, um mau entendimento do misericordioso caráter de Deus, demonstrado e vindicado na cruz do Calvário, é a causa de trevas para uma alma ansiosa por Cristo; também reconheço que uma simples contemplação da abundante riqueza da graça de Deus repeliria tais nuvens de trevas. Mas isto é muito diferente de afirmar que tal contemplação, sem o poder regenerador do Espírito Santo sobre a alma do homem, transformaria a inimizade em amor e confiança. Pois sabemos que a vontade não-regenerada opõe-se ao evangelho; é inimiga de Deus e de sua verdade. Se a verdade for apresentada com muita clareza à vontade do homem e insistida sobre ela, logo despertará e suscitará o seu ódio. A proclamação da verdade, embora seja feita de maneira vigorosa e compreensível e seja a verdade sobre a graça de Deus, apenas deixará exasperado o homem não-convertido. Ele odeia o evangelho; quanto mais claramente o evangelho lhe for apresentado, tanto mais ele o odiará. O homem não-convertido odeia a Deus; quanto mais Deus se aproxima dele, quanto mais vividamente Deus é apresentado ao homem, tanto mais surge e cresce sua inimizade para com Ele. Com certeza, aquilo que estimula a inimizade não pode removê-la por si mesmo. Então, qual a utilidade dos instrumen-

tos mais eficazes? A vontade humana precisa sofrer uma operação direta do Espírito de Deus: Aquele que fez a vontade do homem precisa refazê-la. Fazê-la foi uma obra de Deus; o refazê-la também é uma obra dEle. Fazer a vontade humana foi uma obra da onipotência divina; o refazê-la também precisa ser uma obra da Onipotência. De nenhuma outra maneira as propensões da vontade humana podem ser mudadas. A vontade

de Deus precisa entrar em contato com a vontade do homem; então, a mudança se realiza. A vontade de Deus não tem de ser a primeira nessa mudança? A vontade do homem apenas seguirá; ela não pode guiar.

Esta é uma afirmativa muito difícil de ser compreendida? Em nossos dias, alguns querem que assim pensemos. Perguntemos em que consiste a sua dificuldade. Em afirmar que a vontade de Deus precede a vontade de homem? Em dizer que Deus deve ser o líder e o homem, o seguidor, em todas as coisas pequenas e grandes? Em afirmar que somos obrigados a encontrar na vontade de um soberano Jeová a origem de cada movimento do homem em direção ao bem?

Se esta doutrina é difícil de ser compreendida, isto deve ocorrer porque ela retira do homem qualquer fragmento de bondade ou qualquer inclinação para com Deus. Cremos que esta é a fonte secreta das queixas contra essa doutrina. Ela diminui e

esvazia completamente o homem, tornando-o não apenas nada, e sim pior do que nada — um pecador perdido —, nada além de um pecador, que possui um coração repleto de inimizade contra Deus, um coração que se opõe a Ele como o Deus da justiça e, mais ainda, como o Deus da graça; um coração que possui uma inclinação tão distante da vontade de Deus e tão rebelde contra ela, que não tem a mínima propensão

para aquilo que é bom, santo e espiritual. Isto o homem não pode tolerar.

Admita que o homem é totalmente indigno e desamparado; então, onde está a complexidade de entendimento dessa doutrina? É difícil entendermos que um Deus bendito e santo adianta-se à nossa vontade miserável e corrupta, para conduzi-la no caminho do bem? É difícil compreendermos que pessoas destituídas de tudo são devedoras a Deus por todas as coisas? Visto que todos os movimentos de nossa vontade dirigem-se para baixo, é difícil entendermos que a poderosa vontade de Deus deve intervir e erguer, de maneira onipotente, nossa vontade em direção às coisas elevadas e celestiais?

Se admitimos que a vontade de Deus regula os grandes movimentos do universo, temos de aceitar o fato de que ela também regula os pequenos movimentos. O mais insignificante movimento de minha vontade é regulado pela vontade de Deus.

— ■ —

*Depois de regenerada,
a vontade do homem
ainda é uma seguidora,
e não um guia.*

— ■ —

Nisto eu me regozijo. Se assim não fosse, quão miserável eu seria! Se me esquivo de tão ilimitado controle e orientação, é evidente que desprezo a idéia de estar completamente à disposição de Deus. Em parte, desejo estar à minha própria disposição. Tenho a ambição de regular os menores movimentos de minha vontade, enquanto entrego os maiores ao controle de Deus. Isto resulta em que desejo ser um deus para mim mesmo. Não gosto do pensamento de entregar a Deus toda a disposição de meu destino. Se Ele faz a sua própria vontade, tenho receio de que não terei oportunidade de fazer a minha própria. Além disso, concluímos que o Deus a cujo amor eu costumava me referir é um Deus a quem eu não posso implicitamente confiar a mim mesmo para a eternidade. Sim, esta é a verdade. A insatisfação do homem em referência à vontade de Deus surge do fato de que o homem suspeita do amor de Deus. No entanto, os homens de nossos dias, que negam a absoluta soberania de Deus, são os mesmos que professam regozijar-se no amor de Deus e falam sobre este amor como se em Deus não houvesse mais nada além de amor. Quanto mais eu compreendo o caráter de Deus, conforme revelado nas Escrituras, tanto mais percebo que Ele tem de ser soberano e tanto mais me regozijarei, em meu íntimo, com o fato de que Ele é soberano.

A soberana vontade determinou a época de meu nascimento, bem como o dia de minha morte. Não foi também essa vontade que certamente determinou o dia de minha conversão? Ou não serão apenas os tolos que

afirmarão que Deus determinou o dia de nosso nascimento, bem como o de nossa conversão, mas deixou à nossa mercê determinar se nos converteríamos ou não? Se o dia de nossa conversão foi estabelecido, ele não pode ser determinado por nossa própria vontade. Deus determinou onde, quando e como nasceríamos; de modo semelhante, Ele determinou onde, quando e como seríamos nascidos de novo. Se isto é verdade, a vontade dEle tem de vir antes da nossa, em referência ao nosso crer. A vontade dEle vem antes da nossa, para que nos tornemos dispostos a crer. Se não fosse assim, jamais teríamos crido. Se a vontade do homem precede a de Deus em todas as coisas que se referem ao próprio homem, não posso compreender como qualquer dos planos de Deus pode ser levado a efeito. O homem teria sido deixado a administrar o mundo conforme ele quisesse. Deus não teria de fixar o tempo da conversão do homem, pois isto seria uma interferência na responsabilidade dele. Na realidade, Ele não teria de determinar que o homem seria convertido de maneira alguma, visto que isto transformaria seu próprio convite em uma simples zombaria e tornaria a responsabilidade do homem uma pretensão! Por meio de uma simples manifestação de poder, Deus pode trazer de volta ao seu curso uma estrela perdida e permanecer inalterado diante da interferência das leis da natureza. Mas, como afirmam eles, estender Deus a sua mão e resgatar a vontade humana de seu caminho errado, para trazê-la de volta ao caminho de santidade, é um exercício injustificável de seu poder

e uma usurpação da liberdade do homem! Que mundo! Neste mundo o homem segue todo o seu próprio caminho, e Deus não tem a permissão de interferir, exceto naquilo que o homem chama de legítimo! Que mundo! Neste mundo tudo se volta à vontade do homem, todos os acontecimentos no mundo ou na igreja são regulados, moldados, impulsionados somente pela vontade do homem. A vontade de Deus é algo secundário; seu papel é apenas contemplar os acontecimentos e seguir os passos da vontade humana. Neste mundo o homem deseja, e Deus tem de dizer: Amém!

Em toda esta absoluta oposição à vontade de Deus, vemos a vontade própria dos últimos dias manifestando-se a si mesma. No princípio, o homem quis ser um deus e continua a lutar por isso nos últimos dias. Ele está decidido a fazer que sua vontade tome a precedência que pertence à vontade de Deus. No último anticristo esta vontade própria será sumariada e revelada. Ele é o rei que fará “de acordo com sua vontade”. E na atual controvérsia do “livre-arbítrio”, vemos demonstrado esse mesmo espírito. O Anticristo está nos

falando, exortando-nos à independência orgulhosa. A vontade própria é a essência da religião anticristã. É a raiz de amargura que hoje brota em muitas igrejas. Ela não procede do alto, e sim de baixo; é terrena, animal e diabólica.

Assim diz o Senhor:

“Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer” (Êx 33.19 – cf. Rm 9.8-24);

“Eu Sou, Eu somente, e mais nenhum deus além de mim; eu mato e eu faço viver; eu firo e eu saro; e não há quem possa livrar alguém da minha mão” (Dt 32.39);

“O que ele deitar abaixo não se reedificará; lança na prisão, e ninguém a pode abrir” (Jó 12.14);

“Segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?” (Dn 4.35);

“Que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos” (2 Tm 1.9).

Se você não puder ver os resultados, enquanto estiver nesta terra, lembre-se que você é apenas responsável por seu labutar e não pelo seu sucesso. Continue semeando, continue batalhando! “Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás”, pois Deus não permitirá que sua Palavra seja desperdiçada; “Não voltará para ele vazia, mas fará o que lhe apraz e prosperará naquilo que ele a designou”.

C. H. Spurgeon

BÊNÇÃOS DO TEMOR DE DEUS

Greg Barkman

O que tornava a igreja primitiva diferente da igreja contemporânea? Certamente, eu não preciso convencer você de que essa diferença existe. Ao examinarmos o livro de Atos dos Apóstolos, essa diferença se torna nítida, mas não ao nosso favor.

Talvez o episódio de Ananias e Safira, relatado em Atos 5, possa esclarecer-nos esse fato. Deus parece ter feito do engano desse casal um exemplo singular, tornando-se a única ocasião no Novo Testamento em que Ele puniu alguém com a morte por causa de hipocrisia. Admiro-me quantos funerais nós teríamos, se Deus agisse de maneira semelhante em nossos dias. No entanto, não estamos empobrecidos pela falta daquele santo temor que acompanhou aquela disciplina e trouxe as diversas bênçãos que o acom-

panharam? Quando Deus tirou publicamente a vida daquele casal mentiroso, somos informados: “E sobreveio grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos” (v. 11). Um forte temor piedoso permeou a igreja e a comunidade, assegurando o favor divino. Qual era a diferença? Eles aprenderam a temer a Deus, e nós temos esquecido como temê-Lo.

Resultados significativos surgiram desse acontecimento, começando com o aumento do poder de cura dos apóstolos (v. 12). Curar era um dos “sinais do apostolado” outorgado por Cristo para autenticar seus representantes autorizados. Todavia, os homens escolhidos para essa honra não podiam exercer seu poder com a mesma eficácia em todas as ocasiões. Não devemos

nos admirar disso, pois mesmo o poder de Cristo foi restringido diante da incredulidade (Mc 6.5). Isto não quer dizer que a falta de fé pode reduzir a onipotência. Entretanto, onde os homens deixam de crer, eles falham em apropriar-se humildemente; assim, poucos milagres acontecem. De maneira semelhante, o renovado temor de Deus que acompanhou a divina execução de Ananias e Safira trouxe uma fé renovada no poder de Deus e uma conseqüente ampliação do ministério de cura dos apóstolos. Quando contemplada de conformidade com este modelo, a severidade de Deus é vista como expressão de sua misericórdia — uma misericórdia realmente severa.

Uma renovada união entre os membros do corpo de Cristo foi outro resultado notável (v. 12). A unidade da igreja primitiva, que parece admirável para nós hoje somente por causa de sua ausência relativa em nossos dias, foi uma das características mais importantes da igreja no seu início. O pecado destrói a unidade; e a hipocrisia gritante se torna uma ferramenta de Satanás para atacar a solidariedade da igreja. Deus, porém, sabe como restaurar as devastações causadas pelo pecado. A sua disciplina severa trouxe temor acompanhado, sem dúvida, por confissão e pureza nos corações, os quais, por sua vez, resultaram em um novo sen-

so de amor e de unidade. A condição fragmentada da igreja de Cristo hoje é um testemunho silencioso de nosso reduzido nível de temor a Deus.

Talvez o resultado mais admirável foi a relutância das pessoas em unirem-se à igreja, uma relutância que foi acompanhada por um respeito mais intenso na comunidade (v. 13). Em nossos dias, unir-se à igreja freqüentemente é mais fácil do que tornar-se membro de sociedades filantrópicas; e as pessoas aos milhares estão levemente se tornando membros de igrejas, com o previsível resultado de que a igreja torna-se pouco respeitada. A igreja era altamente respeitada em dias quando pessoas que não possuíam a genuína experiência de conversão sentiram medo de unir-se a ela. Hoje, porém, quase todos podem se unir à igreja: esse é o motivo por que muitas igrejas não diferem do mundo. Não podemos encher nossas igrejas com pessoas não-convertidas e, ao mesmo tempo, ganhar o respeito do mundo. Quando a igreja se torna mundana e o mundo se torna igrejeiro, a igreja perde tanto o respeito quanto o poder de Deus. Está na hora de as igrejas seguirem o exemplo apresentado em Atos 5, o exemplo de disciplinar membros que estão vivendo em pecado público, e o exemplo de comportar-se de tal maneira que as pessoas de pretensões carnis temerão unir-se a

ela. O moderno movimento de crescimento de igrejas nos ensina que estas devem se tornar mais atraentes às pessoas do mundo e reestruturar sua adoração, de modo que todos sintam-se confortáveis. A Bíblia nos ensina a nos tornarmos menos semelhantes ao mundo, para que tenhamos a aprovação e o poder de Cristo.

É interessante que o resultado final foi um aumento nas conversões e crescimento (v. 14). As próprias coisas que alguns afirmam serem impedimento ao crescimento, na realidade aceleraram o crescimento. Uma vez mais, o caminho de Deus se revelou ser oposto ao caminho do homem. Temos de resolver em

quem cremos: nos “experts” que mascateiam a sabedoria do mundo, ou na Bíblia, que é a sabedoria de Deus. Qual é a grande diferença entre aquela época e a nossa? Ora, estamos fazendo a igreja se tornar tão popular quanto possível, resultando na ausência de temor a Deus.

Naquela época, Deus se revelou como um poderoso Juiz que não tolera qualquer desrespeito pecaminoso; e isso resultou em grandes bênçãos para os crentes e para os incrédulos, ao mesmo tempo. Que tipo de abordagem você imagina que mais provavelmente produzirá resultados duradouros hoje?

O MATRIMÔNIO

O matrimônio é uma alta, santa e abençoada ordem de vida, ordenada não pelo homem, mas por Deus... no que um homem e uma mulher são acoplados e entretecidos numa carne e num corpo no temor e amor de Deus, pelo livre, amável, entusiástico e bom consentimento de ambos, com a intenção de que os dois habitem juntos como uma carne e corpo, e uma mente e vontade, em toda honestidade, virtude e santidade, e passem suas vidas a compartilhar igualmente de todas as coisas quantas Deus lhes enviará, com ação de graças.

Thomas Becon

O QUE SIGNIFICA ADORAÇÃO?

Andrew Fountain

Em muitas igrejas contemporâneas, existe um caos na adoração. A tragédia é tão grande que poucos crentes examinam as Escrituras para encontrar seus preceitos sobre este assunto. Alguns dizem: “Isto parece adoração”; ou: “Isto não é adoração”; ou: “Posso adorar a Deus com esta forma de culto”. Entretanto, tais pessoas estão fazendo um julgamento completamente subjetivo quanto à maneira apropriada de adorarmos a Deus. Mesmo aqueles que examinam as Escrituras freqüentemente já decidiram que tipo de adoração acham adequada e buscam as Escrituras apenas para encontrar textos que apoiam seu ponto de vista. Nesse artigo, consideraremos o que realmente é adoração e como devemos adorar a Deus de uma maneira que O agrade.

O QUE É ADORAÇÃO?

A primeira coisa a determinar é o significado da palavra “adoração”. Muitos têm sua própria idéia a respeito do que ela denota; mas precisamos deixar a Bíblia definir o conceito deste vocábulo. Ela o faz de maneira bem específica.

À medida que examinamos as Escrituras, ficamos surpresos com a maneira como elas empregam a palavra “adoração”. A Bíblia está cheia de versículos que vinculam a idéia de adorar à de prostrar-se ou ajoelhar-se diante de Deus. A palavra hebraica *Hitawa* significa prostrar-se ou curvar-se. Quando examinamos a Bíblia, descobrimos muitos exemplos; “E, imediatamente, curvando-se Moisés para a terra, o adorou” (Êx 34.8); “Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoe-

lhemos diante do SENHOR, que nos criou” (Sl 95.6); “Todos os filhos de Israel, vendo descer o fogo e a glória do SENHOR sobre a casa, se encurvaram com o rosto em terra sobre o pavimento, e adoraram, e louvaram o SENHOR, porque é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre” (2 Cr 7.3); “Os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos e depositarão as suas coroas diante do trono” (Ap 4.10).

As expressões “encurvaram com o rosto em terra” ou “curvar-se para a terra” está frequentemente associada à adoração a Deus. Isto não significa que devemos encurvar-nos com o rosto em terra cada vez que adoramos a Deus ou mesmo que isto sempre acontecia em todos atos de adoração mencionados na Bíblia. Essa é uma atitude simbólica; por esta razão, é importante indagarmos o que significa e qual seu propósito.

Essa atitude expressa mais do que uma demonstração de amor por alguém. Se você ama seu esposo ou sua esposa, não se prostra diante dele (a) ou curva-se com o rosto em terra. Ora, a atitude de prostrar-se significa mais do que respeito. Entretanto, por mais que respeite seus superiores no trabalho, você não se lança ao chão diante deles. Prostrar-se diante de alguém significa

reconhecê-lo como seu senhor. Você é servo dele, e ele é seu senhor. Ele dá as ordens, e você tem de obedecê-las.

SERVIÇO

Isto nos leva ao segundo aspecto de adoração encontrado na Bíblia — uma associação entre adorar e servir. Tudo que somos e possuímos pertence a Deus; por conseguinte, somos servos dEle. Um exemplo deste conceito acha-se em Mateus 4.10, que relata a ocasião em que Jesus foi tentado: “Então, disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele servirás” (ARC). Parece, então, que adorar a Deus de maneira bíblica implica em que reconhecemos ser Ele o nosso Senhor e que temos de servi-Lo em nossas vidas. Em resumo, adoração bíblica envolve tanto as palavras quanto a vida. Se quiséssemos uma breve definição de adorar poderíamos dizer: “Adorar a Deus é reconhecê-Lo como nosso Senhor, tanto nas palavras quanto nos atos.

SENHOR DE NOSSA VIDA

Isto suscita um interessante detalhe. Existem aqueles que gostariam de fazer da adoração algo puramente intelectual. Mas adoração envolve mais do que palavras e pensamentos; envolve todo o nosso ser, nossas atitudes. Por exemplo, fazer uma contribuição financeira é um ato de

adoração, embora nenhuma palavra seja pronunciada por aquele que contribuiu. Ao invés de utilizar palavras, ele está fazendo uma declaração por meio de seus atos. Está dizendo: “Deus é o Senhor do meu bolso, bem como de outros aspectos de minha vida. Ele é o Senhor do meu dinheiro e dos meus bens”.

Outro exemplo das Escrituras encontra-se em Apocalipse 4.10, citado anteriormente: “Os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos e depositarão as

suas coroas diante do trono, proclamando: Tu és digno, Senhor e Deus nosso”. O que significa a atitude dos anci-

ãos depositarem suas coroas diante do trono? O fato de que eles tinham coroas indica que possuíam alguma autoridade pessoal. Mas o depositarem suas coroas diante do Senhor declara simbolicamente: “Tu és o Rei dos Reis; toda a nossa autoridade submetemos a Ti, pois Tua autoridade é superior”. Portanto, a adoração deles, nesta ocasião, pelo menos envolvia uma ação que transmitia um significado específico. Um exemplo ainda mais significativo encontramos em Maria, a que ungiu os pés de

Cristo com precioso bálsamo, enxugando-os com seus cabelos. Ela não pronunciou qualquer palavra, mas sem dúvida aquele foi um ato de adoração.

PALAVRAS SÃO INSUFICIENTES

De fato, a adoração que consiste apenas de palavras é algo abominável a Deus. Em Isaías 29.13, Ele afirma: “Este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim, e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de

homens”. Nossa adoração formal aos domingos é uma mentira, se Deus não é verdadeiramente o nosso Senhor

durante o restante da semana.

Em resumo, a Bíblia sempre utiliza o vocábulo “adoração” no contexto de prostrar-se diante de Deus, quer literal, quer simbolicamente. A adoração bíblica não é apresentada como algo apenas intelectual ou verbal, mas como uma atitude de todo o nosso ser. Pode não envolver palavras, mas sempre tem o significado de exaltar a Deus como Senhor.

LOUVOR: OUTRO LADO DA MOEDA

Hoje costumamos utilizar a

— ■ —

Adoração envolve mais do que palavras e pensamentos; envolve todo o nosso ser, nossas atitudes.

— ■ —

palavra adoração para abranger tudo que ocorre nos cultos públicos. Conforme já vimos, a Bíblia a emprega de maneira bem mais específica, porém ela também utiliza outros vocábulos, dentre estes o mais comum é “louvor”. Se adoração transmite a idéia de nos prostrarmos ou nos curvamos diante de Deus, louvor fala de nos levantarmos perante Ele. Quando louvamos, erguemos nossas cabeças e cantamos ou damos graças a Deus por aquilo que Ele é e tem feito.

Podemos encontrar essas duas idéias unidas no mesmo versículo: “E todo o povo respondeu: Amém! Amém! E, levantando as mãos, inclinaram-se e adoraram o SENHOR, com o rosto em terra” (Ne 8.6). Observe que eles louvaram erguendo suas mãos e proclamando o “amém”; e adoraram inclinando-se com o rosto em terra. Em 2 Crônicas 7.3, essas duas idéias estão apresentadas na ordem inversa: “Os filhos de Israel... se encurvaram com o rosto em terra sobre o pavimento, e adoraram, e louvaram o SENHOR, porque é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre”.

MÚSICA E CÂNTICOS

Em nossos dias, o louvor está associado à música e aos cânticos. Às vezes, nas Escrituras o louvor é algo barulhento, envolvendo freqüentemente o uso de ins-

trumentos como uma parte importante.

1 Crônicas 23.5 declara: “Quatro mil porteiros e quatro mil para louvarem o SENHOR com os instrumentos que Davi fez para esse mister”. Também lemos em 2 Crônicas 30.21: “Os levitas e os sacerdotes louvaram ao SENHOR de dia em dia, com instrumentos que tocaram fortemente em honra ao SENHOR”. A idéia de louvar a Deus erguendo a voz e utilizando instrumentos para chamar atenção ao que Ele havia realizado era uma parte central da adoração do Antigo Testamento.

Embora não haja menção de instrumentos musicais na adoração do Novo Testamento, podemos encontrar ali a mesma idéia de vozes sendo erguidas em louvor e oração a Deus. Por exemplo, em Atos 4.24, os crentes reunidos, “unânimes, levantaram a voz a Deus e disseram: Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há”. E o apóstolo Paulo instruiu os crentes de Colossos a ensinarem e aconselharem uns aos outros “com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração” (Cl 3.16).

Portanto, adoração, de acordo com as Escrituras, significa prostrarmo-nos e reconhecermos o senhorio de Deus, enquanto louvor transmite a idéia de levantar nossas cabeças a Deus, proclamando alegremente quem Ele é e o que tem feito por nós.

POR QUE NO DOMINGO? O DIA DA RESSURREIÇÃO

O. Palmer Robertson

Essa pergunta pode ser embaraçadora. Por que adoramos a Deus no domingo? A Bíblia não diz que o sétimo dia é o tempo consagrado a Ele por seu povo? Onde as Escrituras dizem que o crente deve santificar o primeiro e não o sétimo dia da semana? Essas perguntas são legítimas, temos de admitir; também são perguntas que exigem resposta. Portanto, o que podemos dizer sobre este assunto?

CRIAÇÃO E REDENÇÃO

Começemos considerando as evidências do Antigo Testamento. Neste, o sábado não era apenas um dia especial, que deveria ser reconhecido uma vez por semana. Tinha um significado mais rico. Apontava para o futuro descanso de redenção que Deus realizaria em favor de seu povo.

O sábado não era apenas um lembrete do descanso que ocorreu após os seis dias de criação. Também era celebrado porque Deus libertara seu povo da escravidão no Egito.

Deus repetiu o mandamento a Moisés depois que Israel peregrinou no deserto durante quarenta anos, pouco antes de entrarem na terra da promessa. Quando Deus repetiu a lei que havia sido entregue no Sinai, os Dez Mandamentos foram os mesmos. Nenhum deles foi alterado. Mas o motivo para a lei referente ao sábado era diferente. No Sinai, o povo de Deus foi instruído a observar o sábado, porque Deus havia descansado após os seis dias de criação (Êx 20.11; cf. Gn 2.3). Mas na Transjordânia Deus ordenou que Israel guardasse o sábado tendo em vista a sua redenção do Egito (Dt

5.5). Não somente por causa da criação, mas também por causa da redenção, o povo de Deus deveria descansar um dia em sete.

Sabemos que a libertação de Israel da escravidão no Egito, por intermédio do cordeiro pascal, era apenas uma sombra, uma profecia de uma libertação que ocorreria através da morte sacrificial e da poderosa ressurreição de Jesus Cristo. Os santos do Antigo Testamento olhavam adiante, para a vinda do futuro descanso de seus fardos de pecados, assim como em cada semana olhavam para seu descanso do trabalho, no sábado. Portanto, quando Israel entrou na terra do seu “descanso”, sob a liderança de Josué, marcharam ao redor de Jericó por *sete* dias. E, no sétimo dia, marcharam sete vezes ao redor das muralhas da cidade. Após haverem completado a marcha pela sétima vez, no sétimo dia, as muralhas ruíram, e o povo de Deus começou a entrar em seu “descanso”, na terra de Canaã. A tomada de Jericó forneceu uma ilustração do povo de Deus entrando em “descanso sabático”.

De maneira semelhante, os *setenta anos* do cativo de Israel indicavam o descanso da redenção que viria à terra prometida. Durante os setenta anos do cativo de Israel na Babilônia, a terra estava se agradando “dos seus sábados” (2 Cr 36.21).

Essas experiências do Antigo

Testamento demonstraram que o povo de Deus estava olhando para o “descanso”, a redenção que seria realizada pelo Messias, no futuro. Trabalhavam seis dias da semana aguardando o “descanso” que no futuro desfrutariam. Pensavam na terra da promessa como o lugar onde eles entrariam no “descanso” de todos os fardos de sua vida.

UMA NOVA PERSPECTIVA

Mas agora a redenção já se realizou. Jesus veio para cumprir a profecia. Por meio de sua morte e ressurreição, trouxe seu povo ao seu “descanso” da redenção. Nós olhamos para trás, para a salvação consumada por Cristo. “Está consumado” foi o clamor de Cristo na cruz, e, por isso, sabemos que tudo foi realizado para libertar-nos do pecado, da morte e de todos os males deste mundo.

Por conseguinte, o crente possui uma nova perspectiva sobre o descanso da redenção. *A ressurreição de Cristo foi um acontecimento tão significativo quanto a criação do mundo.* Por meio de sua ressurreição, a nova ordem de universo veio à existência. Uma nova maneira de viver passou a existir. A pedra foi rolada do sepulcro de Jesus a fim de permitir que os discípulos entrassem, não para que Jesus saísse! Por causa de sua nova forma de existência no corpo da

ressurreição, Ele podia entrar e sair de cômodos fechados, sem necessidade de abrir as portas.

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Não deveria nos levar a ficar admirados o fato que os discípulos seguissem uma nova ordem em seus padrões de adoração e serviço para Deus. Eles *começaram* a semana reunindo-se com o Cristo ressurreto. Iniciavam a semana com uma celebração da redenção que fora realizada por Cristo. Considere atentamente as seguintes evidências de que a redenção realizada por Cristo determinou o dia da adoração.

1. **JESUS CRISTO RESSUSCITOU NO PRIMEIRO DIA DA SEMANA** (Mt 28.1). Ele entrou no “descanso” das obras não em um dia de sábado (o sétimo dia), e sim no domingo (o primeiro dia da semana). Visto que Jesus entrou em seu descanso no primeiro dia da semana, Ele nos encoraja a iniciar a semana “descansando” na confiança de que Ele suprirá, com apenas seis dias de trabalho, todas as nossas necessidades para os sete dias da semana.

2. **JESUS APARECEU AOS SEUS**

DISCÍPULOS REUNIDOS NA PRIMEIRO DIA DA SEMANA, bem como a Maria e aos dois discípulos na estrada de Emaús (Jo 20.10,14,19; Lc 24.13). Por meio dessas aparições, no *primeiro* dia da semana, a ressurreição do Senhor estabeleceu um padrão para as reuniões dos discípulos. Esperavam ter comunhão com Ele no dia de sua ressurreição, que é o primeiro dia da semana.

— ■ —
*Por meio de sua morte
 e ressurreição, [Cristo]
 trouxe seu povo
 ao seu “descanso”
 da redenção.*
 — ■ —

3. **UMA SEMANA DEPOIS, JESUS APARECEU NOVAMENTE AOS**

DISCÍPULOS REUNIDOS NO PRIMEIRO DIA DA SEMANA, sem estar presente nessa ocasião o duvidoso Tomé (Jo 20.26). Um novo padrão de reunir-se para adorar o Senhor estava emergindo. O povo de Deus na nova aliança estava criando o hábito de reunir-se no primeiro dia da semana, o dia da ressurreição de Cristo. Jesus honrou essas reuniões, ao aparecer aos discípulos nessas ocasiões e fortalecer sua fé no Senhor ressurreto.

4. **O SENHOR RESSUSCITADO DERRAMOU SEU ESPÍRITO EXATAMENTE CINQUENTA DIAS APÓS O SÁBADO DA PÁSCOA DOS JUDEUS**, ou seja, aparentemente, no *primeiro* dia da semana (At 2.1; Lv 23.15,16). O significado da palavra

“pentecostes” é “cinquenta”, referindo-se aos cinquenta dias após o sábado da Páscoa. Quarenta e nove dias alcançariam sete sábados ou dias de descanso, e o quinquagésimo dia seria um domingo, o primeiro dia da semana. Desse modo, parece que o Espírito Santo foi derramado no *primeiro* dia da semana, quando o povo de Deus da nova aliança estava reunido para adoração. Assim esse padrão referente ao dia da adoração seria estabelecido com mais firmeza. Tanto a ressurreição de Cristo quanto o derramamento do Espírito realizaram-se no *primeiro* dia da semana.

5. DURANTE O TEMPO EM QUE O APÓSTOLO PAULO PREGAVA O EVANGELHO DE CRISTO ENTRE JUDEUS E GENTIOS EM TODO O MUNDO, O PRIMEIRO DIA DA SEMANA ERA UTILIZADO COMO A OCASIÃO EM QUE OS CRENTES SE REUNIAM PARA ADORAÇÃO. Na Grécia, Paulo e Lucas reuniram-se com o povo de Deus, a fim de partirem o pão e ouvirem a pregação da Palavra de Deus, no *primeiro* dia da semana (At 20.7). Esse era o dia em que o povo da nova aliança se reunia para ouvir a Palavra de Deus.

6. PAULO ESCREVEU AOS CRENTES DE CORINTO PARA ESTABELECEM O PADRÃO REFERENTE ÀS SUAS OFERTAS PARA O SERVIÇO DO SENHOR. Paulo ordenou que os crentes daquela cidade seguissem o padrão

que havia sido estabelecido na Galácia (1 Co 16.1). No primeiro dia da semana, eles deveriam consagrar suas ofertas ao Senhor (1 Co 16.2). Ora, esse padrão referente ao dia de adoração se tornou comum a todos os crentes, em todas as igrejas. O primeiro dia da semana foi o tempo designado para eles apresentarem suas ofertas ao Senhor.

O DIA DO SENHOR

O sétimo e final assunto é este. O apóstolo João, em idade avançada e possivelmente o único sobrevivente do grupo dos primeiros apóstolos, havia sido banido para a ilha de Patmos. Nesta circunstância, ele não podia reunir-se com o povo de Deus para adoração. Mas o idoso apóstolo nos informa que achou-se, “em espírito, no dia do Senhor” (Ap 1.10). O significado desse achar-se “em espírito, no dia do Senhor” parece bastante claro. Pelo poder do Espírito Santo, ele entrara na presença do Senhor e estava oferecendo-Lhe sua adoração.

Mas o que significa a frase “dia do Senhor”? Em certo sentido, podemos dizer que cada dia da semana poderia ser chamado “dia do Senhor”. Mas o apóstolo João estava se referindo a algo mais específico. Ele não falou apenas sobre “um dia que havia sido consagrado ao Senhor”; pelo contrário, falou sobre o dia do

Senhor. Por que esse dia era chamado o “dia do Senhor”? Esse é o dia que prova ao mundo que Ele é o Senhor. Nesse dia, Jesus fez o universo entender que Ele é o Senhor de tudo que existe. Foi o dia de sua ressurreição. Naquele dia, Ele venceu o último dos inimigos do pecador, a morte. No primeiro dia da semana, Ele mostrou que seu poder pode vencer todos os inimigos, até mesmo a morte. Este é “o dia do Senhor”.

HONRANDO A DEUS

Nos dias do final da vida do apóstolo João, os crentes reconheciam que havia um dia da semana chamado “o dia do Senhor”. Naquele dia, eles celebravam a ressurreição de Cristo e o derramamento do Espírito. Aquele dia tornou-se o dia em que eles se reuniam para regozijarem-se na ressurreição de Cristo, pelo poder do Espírito Santo.

O mesmo acontece até hoje. Ainda permanece em vigor o mandamento original de honrar a Deus por separarmos um dia entre sete para adorá-Lo, visto

que essa exigência fazia parte dos dez mandamentos preceituados nos padrões da lei moral de Deus para os homens. Um dia entre sete tem de ser consagrado a adoração e culto a Ele. Tanto a criação quanto a redenção comprovam que Deus precisa ser honrado dessa maneira.

Desde a criação do mundo até a vinda de Cristo, esse dia era o último da semana. Os crentes do Antigo Testamento olhavam para frente, para o *descanso* que o Salvador traria.

Mas Cristo já veio. Ele ressuscitou vitoriosamente sobre todos os seus inimigos. Essa vitória foi conquistada no primeiro dia da semana. Nesse dia, o Senhor Jesus foi ao encontro de seus discípulos, que estavam reunidos para ter comunhão com Ele.

Portanto, temos de celebrar o descanso que Ele conquistou para nós. Devemos entrar no seu descanso por oferecer-lhe nossa adoração no primeiro dia da semana. Esse é o único padrão demonstrado nas Escrituras do Novo Testamento em referência ao dia de adoração para o povo de Deus.

Os homens têm liberdade para tomar decisões em suas escolhas morais, mas também têm necessidade de prestar contas a Deus por essas escolhas.

A. W. Tozer

UMA HORA ÍNTIMA COM DEUS

Jim Elliff

O Senhor nos convida a conhecê-Lo melhor. Que privilégio! Se a alegria celestial consiste em estar na presença do Senhor, sem qualquer pecado a obstruí-los, certamente buscar a presença dEle agora tem de ser aquilo que mais almejamos.

Você sente necessidade de orar? Uma pessoa que não tem essa necessidade não pode estar vivendo pela fé. Deixar de orar é o mesmo que dizer: “Sou suficiente em mim mesmo para fazer tudo o que as pessoas me pedem”. Isto é realmente verdadeiro? Por meio de sua persistente auto-suficiência, você não ofende a Deus? A Bíblia afirma: “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11.6).

As seguintes sugestões têm o propósito de ajudá-lo a gastar um tempo mais longo na oração e na meditação com Deus. Você pode ter esse tempo sozinho ou com outros crentes. A ordem das sugestões não é essencial; todavia, elas fornecerão um recurso proveitoso para se obter progresso espiritual. Esse instrumento pode ser utilizado diariamente ou em ocasiões especiais de comunhão com Deus. Alguns talvez desejarem seguir essa hora com leitura bíblica mais intensa.

Às vezes, será bom ajoelhar-se ou prostrar-se diante do Senhor — “Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhem-se diante do SENHOR, que nos criou” (Sl 95.6). Orar enquanto caminhamos tam-

bém se mostrará proveitoso ou assentar-se quieto em uma cadeira confortável, de modo que focalizemos todos os nossos pensamentos em Deus. Certifique-se de encontrar um lugar tranqüilo.

1. APROXIME-SE EM NOME DE CRISTO

O encontro que temos com o Pai está completamente fundamentado nos méritos de Cristo.

Em outras palavras, somente porque Cristo viveu de maneira perfeita, morreu para a satisfação do Pai e ressuscitou vitoriosamente por nós, temos o privilégio de nos achegarmos à presença de Deus. Devido ao fato de que o Pai aceita o Filho, o Pai nos aceita nEle. Deus, o Pai, nos tornou aceitáveis em Cristo.

Não o diga simplesmente em palavras, mas realmente creia em Cristo como seu mediador. Expresse em alguns detalhes a sua dependência da dignidade de Cristo e da sua obra vicária em nosso favor.

“Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em

um Espírito” (Ef 2.13, 18).

2. DELEITE-SE NEle

Expresse sua admiração e deleite em Deus. Louve-O por seu caráter e seu poder. Nesta ocasião, não O adore por causa das atividades em sua vida, mas centralize-se na pessoa e nos atributos dEle: seu amor, sua paciência, sua infinitude, seu poder, sua santidade, sua graça, seu conhecimento, sua sabedoria, sua bondade, etc.

“Agrada-te do SENHOR, e ele satisfará os desejos do teu coração” (Sl 37. 4).

3. EXPRESSE-LHE SEUS ANSEIOS

Conte para Deus o que você deseja mais do que todas as outras coisas. Expresse seus mais

profundos anseios por comunhão com Ele e por santidade de vida ou qualquer outro anseio que houver em seu coração. Esse não é um tempo para orar a respeito de to-

das as coisas que você necessita, e sim de tornar conhecidos os seus mais profundos e permanentes desejos.

Talvez você queira transfor-

— ■ —

*Esse não é um tempo
para orar a respeito de
todas as coisas que você
necessita, e sim de
tornar conhecidos os
seus mais profundos
e permanentes desejos.*

— ■ —

mar Efésios 1.15-23 em seu guia.

“Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Sl 42.1-2).

4. LEIA UM SALMO

Talvez você deseje ler um salmo para o dia, de acordo com o dia do mês. Acrescente 30 ao número do dia do mês, para conhecer os cinco salmos que poderiam ser lidos naquele dia. Por exemplo, no dia 15, os salmos seriam 15, 45, 75, 105 e 135). Pode ser proveitoso ler em voz alta o salmo escolhido.

5. LOUVE-O COM CÂNTICOS

Utilize um hinário, recorde cânticos ou hinos de memória ou componha seu próprio hino a partir das Escrituras.

“Celebrai com júbilo ao SENHOR, todas as terras. Servi ao SENHOR com alegria, apresentai-vos diante dele com cântico” (Sl 100.1-2).

6. INTERCEDA PELOS OUTROS

Lembre-se...

Daques que lhe pediram sua oração em favor deles;

Dos líderes de sua igreja;

Dos missionários que você conhece;

Das autoridades de seu país;

Dos que ainda não são salvos;

De seus amigos;

Daques que estão em problemas, aflição, etc.

“Quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o SENHOR, deixando de orar por vós; antes, vos ensinarei o caminho bom e direito” (1 Sm 12.23).

7. COLOQUE SEU DIA DIANTE DO SENHOR

Se você estiver orando pela manhã, talvez queira apresentar todos os aspectos do dia ao Senhor, citando um item de cada vez — “Senhor, dá-me paciência para com minha irmã, quando ela vier à mesa para o café, ajude-me a mostrar-lhe amor e bondade”; “Senhor, quando eu tentar realizar aquele negócio às duas horas da tarde, ajude-me a falar como um cristão deve fazê-lo e dê-me sabedoria”. Ao citar cronologicamente cada possível acontecimento de seu dia, você está aprendendo a confiar em Deus quanto aos detalhes de sua vida.

“Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas” (Pv 3.5-6).

8. FAÇA-LHE SÚPLICAS SOBRE OUTRAS NECESSIDADES ESPECIAIS

Existem assuntos que exigem atenção em sua própria vida e na vida de outros, tais como a igreja

ou a sua família. Conte esses assuntos a Deus e suplique-Lhe orientação, livramento, sabedoria ou qualquer outra coisa que você necessite. Nesse tempo de comunhão, você desejará lidar com algum arrependimento que Deus esteja exigindo. Confie que Ele lhe concederá graça para ser vitorioso. “Sê, pois, zeloso e arrepende-te” (Ap 3.19). Suplique com fé e verdadeira humildade.

“Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4.16); *“Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa”* (Jo 16. 24).

9. MEDITE NA PALAVRA DE DEUS

Meditar significa ponderar, refletir, contemplar, pensar demoradamente a Palavra de Deus. Se este é seu único tempo de ler a Bíblia, continue lendo a passagem de seu plano de leitura. Leia pelo menos um capítulo das Escrituras. Procure os versículos-chaves e medite sobre eles, pedindo a Deus que lhe mostre o que significam. Marque-os em sua Bíblia e rogue a Deus que lhe ajude a lembrar o que Ele está querendo mostrar-lhe. Peça ao Senhor que lhe dê uma maneira humilde de compar-

tilhar essas verdades com outras pessoas. Leia para obedecer.

Se você estiver em um grupo de pessoas, permita que haja um tempo em que cada um poderá ler a Palavra. O líder talvez queira sugerir a passagem a ser lida pelo grupo. Se houver tempo, opiniões podem ser compartilhadas com os outros.

“Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite. Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido” (Sl 1.1-3).

10. EXPRESSE GRATIDÃO A DEUS

Ainda que haja dificuldades em sua vida, o Senhor tem sido bondoso para você. Expresse-lhe sua apreciação por atos específicos de bondade que Ele tem feito à luz daquilo que você realmente mereceria.

“Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome” (Hb 13. 15).